

PREFÁCIO

Basta ler o sumário deste livro, organizado por uma portuguesa, doutorada em Espanha e que rumou ao Brasil, mais concretamente a Salvador, Bahia, para contribuir como docente e investigadora na área da Ciência da Informação na Universidade Federal da Bahia, para percebermos que estamos diante de um conjunto de resultados de pesquisas do respetivo campo, bem como perante um misto em que pesquisa e testemunho de um contributo de cooperação internacional se enlaçam, tornando bastante singular esta meritória iniciativa.

Sempre considerei e estou cada vez mais convicto de que a cooperação científica ibero-americana, que conta agora com um espaço promissor formado em torno do Círculo Ibero-Americano em Ciência da Informação (Cibercid), surgido na sequência da ação desenvolvida na Universidade Autónoma do México (UNAM) pelo professor Miguel Rendon Rojas e informalmente secundada por colegas brasileiros, portugueses, espanhóis, colombianos e de outros países da América do Sul, pode e deve envolver instituições, mas tem de assentar na vontade e no empenho das pessoas e na empatia que elas conseguem criar entre si. Sem esse ingrediente básico, é impossível mobilizar projetos de docência e de pesquisa entre países e alargar além fronteiras o desenvolvimento de um campo disciplinar específico, sempre pautado, naturalmente, por objetivos interdisciplinares.

A professora Fernanda Maria Melo Alves, doutorada e docente na Universidade Carlos III de Madrid soube levar seu conhecimento e sua matriz formativa para o contexto brasileiro, estabelecendo laços entre colegas e alunos, enriquecendo os cursos da Pós-Graduação em Ciência da Informação de forma profunda e indelével. Seu papel e exemplo encaixam no modelo de cooperação que defendo e pelo qual me disponho a prosseguir, bem como missão a cumprir. Mas uma só andorinha não faz a primavera. Logo, também temos de reconhecer que a cooperação ibero-americana no campo da Ciência da Informação é um desafio difícil e quase desanimador.

A análise profunda das dificuldades e das ameaças a esse crucial desafio não cabe em um prefácio, nem em um texto maior, como capítulo de livro, porque o tema é vasto e complexo. Mas, mesmo assim, ousarei condensar o essencial. Antes do aparecimento da *Information Science* entre as décadas de 1950 e 1960, a organização, a seleção, a conservação, a recuperação e a disseminação/acesso amplo da documentação/informação eram objetos de disciplinas práticas que emergiram com a Modernidade e com o florescimento do Estado-nação e do Estado cultural – a biblioteconomia, a arquivística, a museologia e a documentação – esta um pouco mais tardia e gerada na Segunda Revolução Industrial, também conhecida pela “Era do Imperialismo”. Essas disciplinas assentaram em lugares – designados com propriedade por Pierre Nora de “lugares de memória” – e em profissionais encarregados de garantir o acesso, a fruição – através de exposição pública – e a rigorosa preservação, que, quando levada ao extremo, constituiu-se em uma espécie de dogma político-ideológico do patrimonialismo custodialista, e do “recheio” desses lugares. Pela via formativa, primeiro em ação ou em formato de especialização profissional prática, e depois superior ou universitária, elas se mantêm e sobrevivem enfrentando as mudanças tecnológicas que a Revolução Tecnológica Informacional provoca de forma irreversível. Chegamos assim à atual encruzilhada em que o passado, o presente e o futuro do campo profissional ou se fundem e o campo se renova de forma evolutiva ou acaba por mudar de forma intempestiva.

Na Era da Informação ou na Era Digital em que estamos, conceitos como “cultura erudita” ou “cultura livresca”, “bibliofilia”, “originais únicos e valiosos”, “fruição do belo em espaços convencionais” perdem a pertinência que tiveram até agora, embora ainda sobrevivam dentro de conceitos operatórios mais abrangentes e adequados à realidade tecnológica em que estamos imersos. Ser culto e erudito hoje não será mais um apanágio de alguns eleitos ou privilegiados, mas um desígnio que se cumprirá democraticamente através do incentivo e da expansão das competências informacionais – tema sobre o qual a professora Fernanda Maria Melo Alves tem centrado o seu múnus de investigadora e docente. A literacia, letramento ou alfabetização informacional – como se usa no mundo hispânico – tornou-se uma urgência do cidadão comum, consumidor dos meios de comunicação atuais e se deixa levar pela voragem e vertigem das “redes sociais”, onde a informação de todos

os tipos e formatos – da verbal escrita à verbal falada, bem como da imagem ao audiovisual – tornou-se também um foco de pesquisa e de soluções da Ciência da Informação, entendida além do segmento de conhecimentos disciplinares ancorados na computação e na instrumentalização informática.

Pelas contribuições que nos traz, este livro se inscreve em uma perspectiva de Ciência da Informação além do movimento das *iSchools* ou *Information Schools* nascido na América do Norte e intimamente associado a uma formação profissional de atores cada vez mais dissolvidos na pulsão tecnológica e empresarial dos *big data*, dos *data science* e da Inteligência Artificial (IA). Trata-se de uma perspectiva em construção, complicada, e que precisa ser clara tanto epistemologicamente quanto ao objeto que abarca: o fenômeno humano e social da infocomunicação. Ao mesmo tempo, ele é capaz de abraçar o repto lançado em 1958 por Charles Snow das “duas culturas” – a científico-natural e as humanidades –, separadas em meados do século XX, mas que tinham de voltar a se unirem e a se nutrirem mutuamente.

Um passo certo nessa direção está a afirmação da natureza da Ciência da Informação como uma ciência social aplicada que elege como objeto de estudo o processo de gênese contextual, de organização – do “arsenal” técnico ao tecnológico – e das práticas de acesso e uso da informação – comportamento informacional, como o da literacia e o das competências informacionais –, abordado especificamente nesse encadeamento cíclico. Nenhuma outra disciplina social ou natural e tecnológica assume para si esse tipo de objeto de estudo. Uma singularidade que lhe confere um risco delicado: cada fase do ciclo não pode ser isolada ou ficar em separado. Atualmente, o modo de organizar e recuperar a informação é feito com metadados digitais e com o recurso à AI, que aparentemente exclui dessa etapa o processo da Ciência da Informação. Mas isso é um equívoco. Essa dimensão tecnológica é absorvível pela Ciência da Informação e articulável com as outras etapas ou facetas do objeto em foco.

Enfim, estas considerações breves brotaram do que este livro representa e pode significar para todos os que se abeirarem dele e com ele se adentrarem no invisível, árduo, mas essencial campo da documentação/informação.

Armando Malheiro da Silva